

RELAÇÕES DE GÊNERO COMO DETERMINANTES DE SITUAÇÕES COTIDIANAS: PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Joelma Alves França Lopes¹; Sandra Nazaré Dias Bastos (orientadora)².

¹ Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Bragança, joelma21md@yahoo.com.br

Resumo: O objetivo desse trabalho foi investigar as representações elaboradas por alunos do Ensino Fundamental sobre gênero como determinante de situações cotidianas. A pesquisa foi realizada com 30 estudantes dos últimos anos do Ensino Fundamental. Os dados foram levantados por meio de questionário com cinco perguntas fechadas que versavam sobre tarefas domésticas, brincadeiras, comportamentos e profissões. De uma forma geral, os estudantes fizeram separações bem nítidas daquilo que consideram pertencer ao universo feminino e masculino. Em relação às atividades domésticas, os cuidados com a casa e com os filhos foram assinaladas como atividades femininas. Foram consideradas masculinas atividades relacionadas ao conserto e manutenção da casa. O mesmo padrão foi observado em relação às brincadeiras: os cuidados com a casa e filhos (brincar de casinha e brincar de boneca) foram relacionados ao feminino e brincar de skate, carrinho, luta e vídeo game ao masculino. Ao se manifestarem dessa forma, entendemos que os estudantes não apenas mostram, mas, sustentam práticas nas quais foram educados. As representações que fazem podem ser levadas para a vida adulta determinando o que pode (ou não!) ser feito de acordo com cada gênero. Isso pode ser limitante, pois restringe o leque de possibilidades que podem ser exploradas. Ao fazer esse trabalho não intencionamos julgar ou condenar essa forma de olhar o mundo ou negar diferenças biológicas entre homens e mulheres, mas problematizar esse olhar que destina pessoas a ocuparem lugares específicos na sociedade e que organizam o mundo em espaços (atividades, brincadeiras e profissões) exclusivamente masculinos ou femininos.

Palavras-chave: Relações de Gênero, Pedagogia Cultural, Identidade de Gênero.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente a palavra gênero vem sendo debatida dentro do contexto da sexualidade. Para Guacira Lopes Louro o conceito de gênero refere-se ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas em uma determinada cultura (LOURO, 2013). Sendo assim, a inscrição dos gêneros (feminino ou masculino) nos corpos é feita no contexto de uma determinada cultura, marcando os corpos dos sujeitos que reconhecemos como “femininos” e “masculinos”. Para Escosteguy gênero

[...] diz respeito a um construto social, distanciado, portanto, de um determinismo biológico. Investido de significado social, implica na existência de valores, regras, posturas, obrigações e deveres que expressam o que é ser homem ou ser mulher numa dada cultura ou sociedade (ESCOSTEGUY, 2008, p. 6).

Dessa forma, falar em gênero em vez de falar em sexo, indica que a condição das mulheres e dos homens não está determinada pela natureza ou pela biologia, mas é resultante de uma engenharia social e política. Dentro desse contexto, ser homem ou ser mulher é uma construção simbólica que faz parte do regime de emergência dos discursos que configuram sujeitos (COLLING, 2015).

Em nossa sociedade papéis femininos e masculinos são bem demarcados: as mulheres são criadas dentro de um sistema que as direciona para uma maternidade compulsória e a elas se atribuem características como carinho, meiguice, amabilidade, entre outras. Em direção oposta os homens devem ser corajosos, fortes, racionais e os responsáveis pelo sustento do lar. Essas demarcações são predeterminadas mesmo antes do nascimento quando atribuímos aos meninos um enxoval na cor azul e às meninas um enxoval na cor rosa. Tais demarcações são continuadas quando determinamos que as meninas devem brincar de bonecas e os meninos de carrinho. Essas práticas que a princípio podem parecer inocentes, contribuem desde muito cedo, não apenas para demarcar lugares a serem ocupados, como também para estabelecer a hierarquia entre os gêneros.

Diante dessas questões partimos do pressuposto de que as identidades de gênero que assumimos (dentre tantas outras identidades) são socialmente construídas e aprendidas desde muito cedo e se estabelecem nas relações sociais e culturais que vivenciamos ao longo de nossas vidas. Dessa forma, temos como objetivo principal neste trabalho investigar como meninos e meninas da educação básica percebem ou estabelecem essas diferenças cotidianamente. Nossas perguntas norteadoras são: quais tarefas domésticas, brincadeiras, hábitos e profissões são atribuídos ao universo feminino ou masculino por estudantes da educação básica? Há concordância entre meninos e meninas sobre essas questões?

2 METODOLOGIA

Nossa pesquisa foi realizada em uma escola da zona rural do Município de Bragança, Pará com 30 estudantes de 8º e 9ª anos do Ensino Fundamental (16 meninas e 14 meninos), com idade variando entre 13 e 32 anos (média = 15 anos). Para atingir nossos objetivos os dados foram levantados através da aplicação de um questionário com quatro perguntas fechadas que versavam sobre tarefas domésticas, brincadeiras, comportamentos e profissões que socialmente são atribuídas aos universos ditos masculino e feminino.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A maioria das atividades domésticas, tais como: Cuidar da criança, lavar roupa, limpar fogão, limpar a casa e lavar o banheiro foram assinaladas (tanto pelos meninos quanto pelas meninas) como atividades femininas (Figura 1). Merece destaque nessa questão que os meninos, em maior proporção que as meninas, consideraram que o cuidado com a criança seja de responsabilidade feminina. De uma forma geral, percebemos que os cuidados com a casa e com os filhos foram assinaladas como atividades femininas. Por outro lado, foram consideradas masculinas aquelas atividades relacionadas ao conserto e manutenção da casa (Figura 2). As atividades de arrumar a cama e acompanhar o dever de casa dos filhos foram assinaladas como sendo responsabilidade tanto masculina quanto feminina (Figura 3)

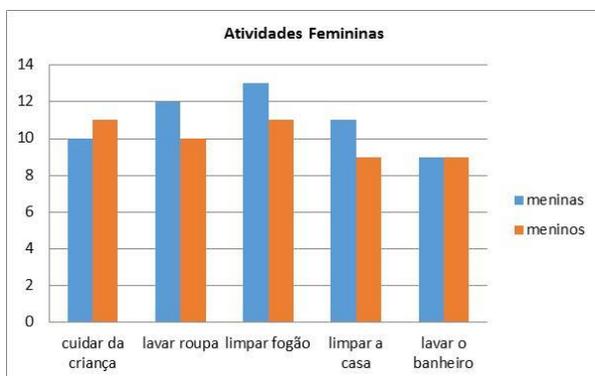


Figura 1 - Atividades domésticas assinaladas como femininas pelos estudantes

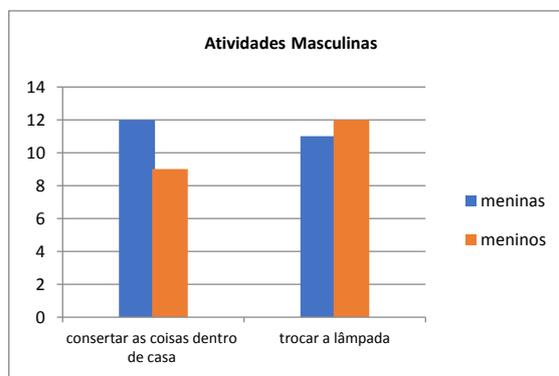


Figura 2 - Atividades domésticas assinaladas como masculinas pelos estudantes

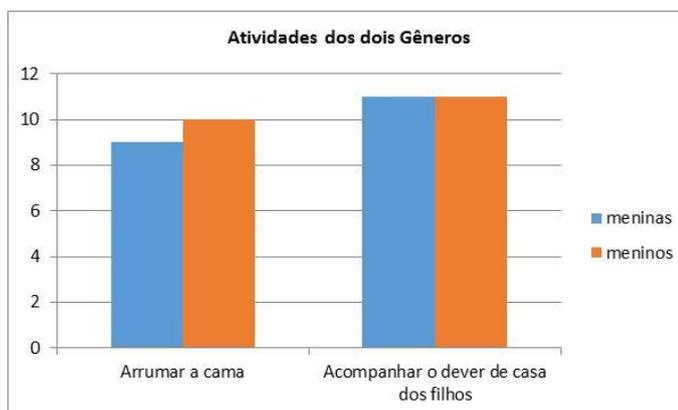


Figura 3 - Atividades domésticas assinaladas para os dois gêneros pelos estudantes

Para as atividades de capinar, varrer a casa, lavar a louça e cozinhar não houve consenso. No entanto, verificamos que para os meninos a atividade de capinação é masculina e cozinhar é uma atividade feminina. Já para as meninas varrer a casa e lavar a louça são atividades femininas (Tabela 1).

Tabela 1- Atividades nas quais não houve consenso entre meninos e meninas

Atividades	Meninas	Meninos
Capinar	os dois	Masculina
Varrer a casa	Feminina	os dois
Lavar louça	Feminina	os dois
Cozinhar	os dois	Feminina

Segundo Dulce Whitaker, (1988) e Michelle Perrot, (2008), historicamente a responsabilidade do cuidado com a organização da casa são relacionadas à mulher. Ao homem cabe ser o provedor da família, por isso sua participação nas tarefas domésticas na maioria das vezes é incipiente. No cotidiano observamos que os meninos não brincam de casinha e nem com bonecas. Em casa poucas são as mães que envolvem os filhos homens nas tarefas domésticas, mas é quase certo que às meninas se ensine a varrer a casa, lavar louça, cozinhar.

Bíscaro afirma que, desde crianças, os meninos são incentivados a desenvolver seu raciocínio lógico, intelectual e competitivo através dos brinquedos e brincadeiras. Para as meninas são destinados brinquedos e brincadeiras mais delicados e voltados para a maternidade. Com isso,

as meninas também sofrem com o tratamento inferior dos meninos, pois desde muito cedo são ouvintes, aprendem que prendas domésticas serão suas funções futuramente. São estimuladas a não correr, a não falar alto, a serem cuidadosas, caprichosas, meigas, educadas, maternas, portanto boas mães e boas esposas (BÍSCARO, 2009, pg.93).

A atividade de capinação foi considerada como atividade masculina pelos meninos, talvez por que nela seja empregada maior força física. Esse pensamento toma como pressuposto que existe uma diferença biológica entre homens e mulheres que “representaria também uma diferença de qualidades, habilidades e características que homens e mulheres carregariam naturalmente em seus corpos” (DANIEL, 2011, p. 324). Em oposição a esse pensamento Whitaker (1988, p. 68) explica que a agricultura (atividade que também envolve a capinação de grandes áreas) é uma atividade desenvolvida em alguns países pelas mulheres:

O caso mais espantoso, porém, é o da agronomia. A agricultura foi em sociedades tribais- e ainda em muitas regiões do mundo-uma atividade predominantemente feminina. Na zona rural mesmo em países avançados, mulheres trabalham na terra lado a lado com seus maridos.

Para a atividade de cozinhar que foi apontado pelos meninos como atividade feminina Sabat (2013, p. 152) afirma que “são constantes as apresentações de mulheres como mães/donas de casa e de homens como provedores de lar”.

Ao mundo feminino novamente foram designadas brincadeiras que envolvem os cuidados com a casa e com os filhos como brincar de casinha, brincar de boneca e brincar de elástico (Figura 4). Ao mundo masculino foram associadas brincadeiras de brincar de skate, carrinho, luta e vídeo game (Figura 5).

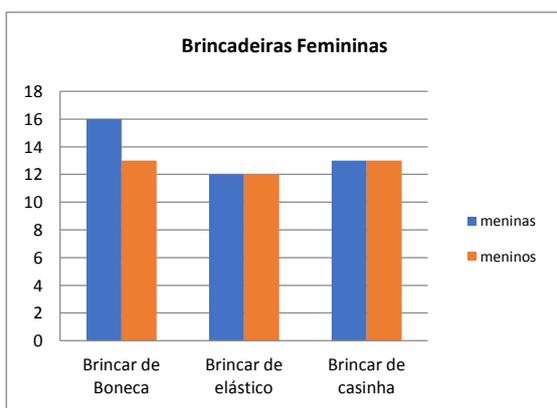


Figura 4 - Brincadeiras assinaladas como femininas pelos estudantes

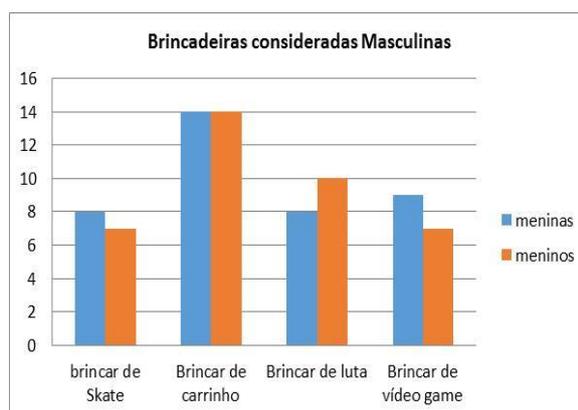


Figura 5 - Brincadeiras assinaladas como masculinas pelos estudantes

Algumas crianças assinalaram jogar bola, subir em árvores, jogar queimada e apostar corrida como brincadeiras que podem ser relacionadas tanto para meninas quanto para meninos. No entanto, observamos que é a maioria de meninas que ressalta essa questão (Figura 6)

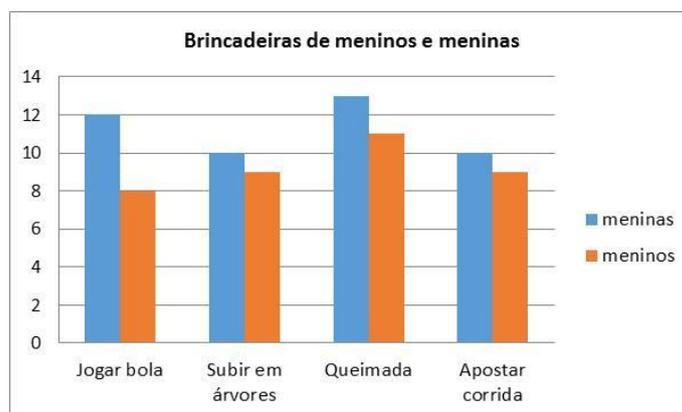


Figura 6 - Brincadeiras assinaladas como masculinas e femininas pelos

As brincadeiras representam culturalmente a sociedade, brincar de boneca representa o cuidado (da mãe) com a criança ainda bebê. Brincar de casinha remete ao cuidado com a casa. As bonecas não representam somente bebês, mas modelos de corpo e vestuário que a exemplo da boneca Barbie, devem ser seguidos e imitados.

Da mesma forma em que as “casinhas tradicionais” do ontem podem ser vistas hoje como poderosos castelos já que “os brinquedos seguem as tendências culturais do momento, criando sempre algo novo, inovador e diferente e é isso que estes pequenos consumidores procuram: o inovador, o melhor, o atual” (JUNGES; SCHWERTNER, 2017).

Se observamos as propagandas de brinquedos dirigidas às meninas, veremos que elas investem de forma importante na ideia de cultivo à beleza como algo inerente ao feminino, aliada sempre ao supérfluo, ao consumo desenfreado, ou seja, não basta ter apenas a boneca tal, é preciso ter todos os modelos e variações da mesma boneca e seus respectivos acessórios. Outros itens se somam aos brinquedos, tais como produtos de maquiagem, roupas e calçados, perfumes, etc., na tentativa de reafirmar a beleza e a vaidade como algo natural (NECKEL, apud FELIPE, 2013, pg. 56)

Para os meninos as brincadeiras de luta remetem a situações que necessitam de coragem para o enfrentamento do perigo e com isso reforçam estereótipos que relacionam o masculino à força, coragem, habilidade e adrenalina. Com isso Figliuzzi (2008) afirma que, além da característica lúdica, o brinquedo “contribui muito expressivamente para estabelecer maneiras de afirmar ou reafirmar configurações de sexualidade masculinas e femininas”, reforçando com isso o que é “próprio” do menino e da menina.

(..) nas brincadeiras, os meninos sempre serem envolvidos em situações ativas, como correr, pular, subir em árvores, jogar bola; as meninas, por sua vez, são colocadas em situações de passividade, meiguice, fragilidade, como brincar de roda, boneca, casinha, passar anel... Assim reforçamos estereótipos, brincadeiras e comportamentos esperados e desejados dos meninos e das meninas (BÍSCARO, 2009, pg.93).

A falta da vivência da igualdade em brincadeiras podem ocasionar a falta da divisão de responsabilidades na vida adulta, pois ainda segundo este autor:

atitudes como não permitir que meninos brinquem hoje com bonecas poderão torná-los amanhã pais que não se relacionam com seus filhos, pois cresceram ouvindo e vendo que a função de cuidar de crianças é da mulher, e torná-los ainda homens ausentes que não dividem as funções domésticas (BÍSCARO, 2009, pg.93).

Mesmo que em sua maioria às meninas sejam designadas brincadeiras passivas, elas também parecem mostrar que querem sair desse papel quando afirmam que podem jogar bola, queimada e subir em árvores. A participação das mulheres em esportes antes considerados masculinos, como futebol, por exemplo, dá visibilidade à possibilidade de conquista desses espaços.

Foram considerados comportamentos femininos (com concordância maior das meninas) gostar de maquiagem, usar brinco, a cor rosa, usar cabelo comprido e gostar de novela (Figura 7). Ressaltamos ainda que a maioria dos meninos assinalou o uso da cor rosa na categoria feminino e que somente os comportamentos de usar cabelo curto e coragem foram considerados como masculinos (Figura 8).

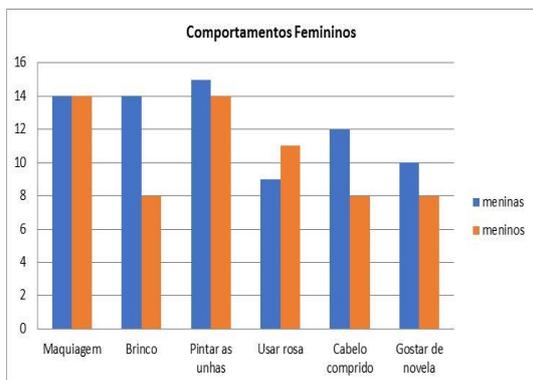


Figura 7 – Comportamentos considerados femininos pelos estudantes

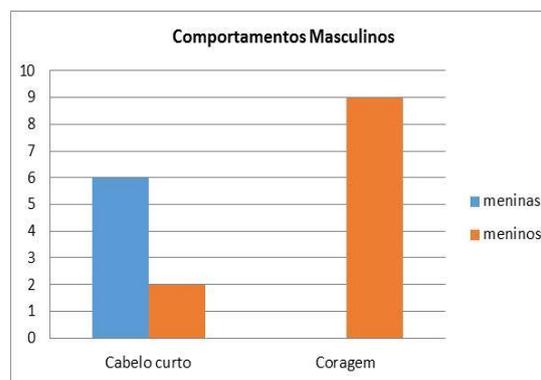


Figura 8 – Comportamentos considerados masculinos pelos estudantes

Os comportamentos de usar calça comprida, usar azul, poder sair à noite, usar tatuagem, pintar o cabelo, brigar e chorar foram apontados tanto por meninos quanto pelas meninas como sendo hábitos atribuídos aos dois gêneros. No entanto, podemos perceber que para todas as categorias as meninas (mais que os meninos) defendem que essas atividades podem ser atribuídas aos dois gêneros (Figura 9).

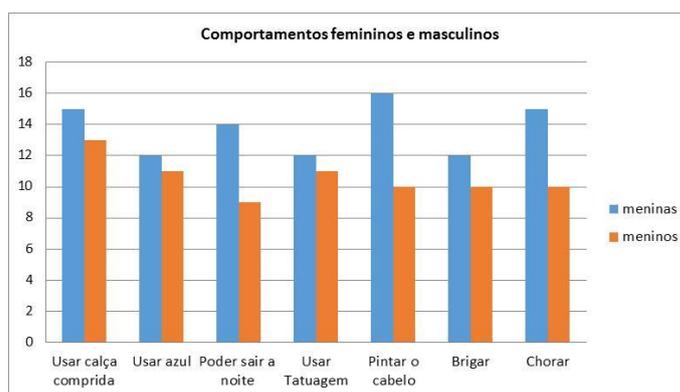


Figura 9 – Comportamentos considerados femininos e masculinos pelos estudantes

Não houve consenso para os comportamentos gostar de futebol, gostar de fofoca e ser frágil. Para os meninos gostar de futebol e ter coragem são características masculinas, da mesma forma que gostar de fofoca e ser frágil são características femininas (Tabela 2).

Comportamentos masculinos e femininos podem ser relacionados às projeções que criamos para os universos ditos masculino e feminino. Para Sabat (2013, pg. 152) “é comum a utilização da imagem de pessoas para vender os mais diferentes produtos. Mas não é só isso. As imagens carregam sentidos, apresentam hábitos, modos de vestir, comportamentos, que constituem identidades”. Tanto para os meninos quanto para as meninas as atividades que remetem à vaidade são consideradas como pertencente ao universo feminino.

Tabela 2 – Comportamentos nos quais não houve consenso entre meninos e meninas

Atividades	Meninas	Meninos
Gostar de futebol	os dois	Masculina
Gostar de fofoca	os dois	Feminina
Fragilidade	os dois	Feminina

O uso do cabelo comprido associado às mulheres pelos meninos tem destaque na história. Segundo Michelle Perrot “a diferença dos sexos é marcada pela pilosidade e seus usos: os cabelos para as mulheres, a barba para os homens. Os cabelos são considerados, com frequência, signo da efeminação” (PERROT, 2008, pg. 53). Para esta autora em algumas culturas o cabelo é a identidade da mulher e pode simbolizar sua religiosidade e estado civil.

A atribuição da cor rosa ao feminino e da cor azul ao masculino é bastante consolidada em nosso meio. No entanto, não devemos esquecer que são os pais que determinam as cores que as crianças vão usar ao nascer. Segundo Giongo (2015, pg.113) a cor rosa tradicionalmente era uma cor masculina e a cor azul feminina por causa da claridade e por ser uma cor calma. Não se sabe ao certo quando a cor mudou de gênero. Nesse sentido Garcia e Silva (2011) defendem que são necessárias mediações que nos façam refletir criticamente sobre a classificação dessas cores como masculina e feminina.

A cor rosa predomina entre elas, assim como a cor azul entre os meninos. São situações cotidianas que exemplificam a aceção de que determinadas brincadeiras, cores, jogos e comportamentos são projetados, atribuídos, constituídos, representados e fortalecidos de forma desigual entre os sexos, estabelecendo o que socialmente definimos como apropriado, como o “certo” e o “errado” para meninos e meninas (GARCIA, SILVA, 2011, pg. 94-95).

Para Formiga (2006) ao se avaliar os comportamentos emocionais entre homens e mulheres espera-se que determinadas expressões emocionais sejam mais salientes em um determinado gênero que em outro. O autor defende que os estereótipos e papéis de gênero tradicionais são capazes de direcionar cada indivíduo e seus comportamentos na aproximação de uma conduta que se espera para aquele gênero em

particular.

Foram assinaladas como femininas as profissões: doméstica, manicure, costura e balé (Figura 10). Como profissões masculinas: padeiro, pedreiro e pesca (Figura 11).

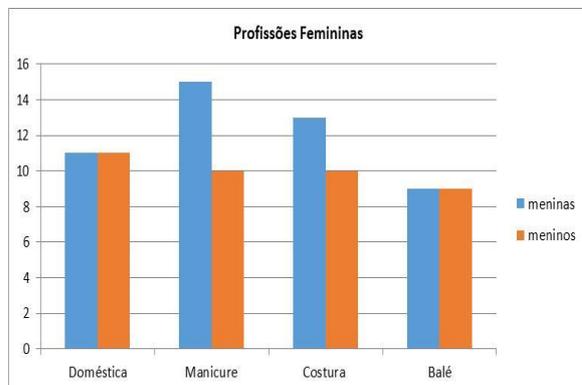


Figura 10 – Profissões consideradas femininas pelos estudantes

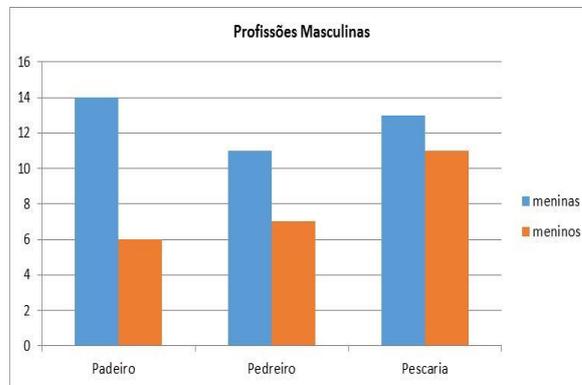


Figura 11 – Profissões consideradas masculinas pelos estudantes

A maioria das profissões, no entanto, foi relacionada pelos estudantes como podendo ser exercida tanto por homens quanto por mulheres. Fazem parte desse grupo profissões que tradicionalmente são consideradas masculinas (tais como Engenharia, Técnico Agrícola e Professor da área de Exatas) e femininas (Professor de Educação infantil, Enfermagem e Professor da área de humanidades) (Figura 12).

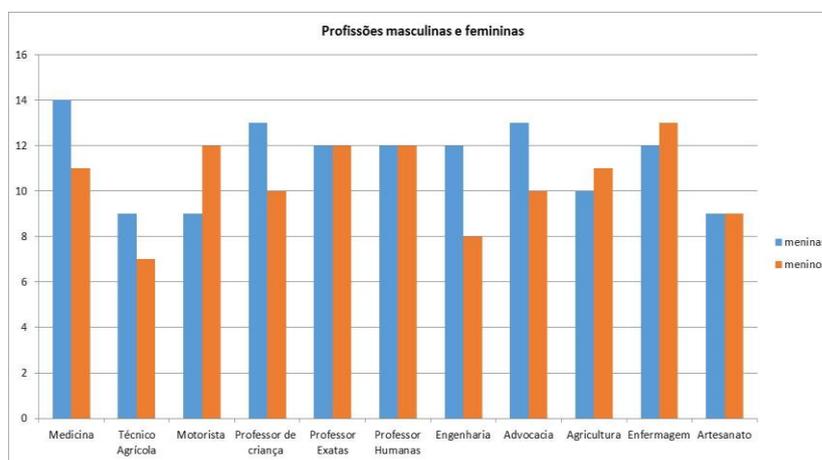


Figura 12– Profissões consideradas masculinas e femininas pelos estudantes

Segundo Fay e Oliveira (2010) muitos são os estudos que discutem as profissões socialmente consideradas exclusivas do homem ou da mulher, entretanto, segundo esses autores, não há argumentos plausíveis na natureza humana que os justifiquem. Com isso os autores querem dizer que a representação social das profissões são construções fundamentalmente baseadas em preconceitos que geram uma visão distorcida da realidade. Ainda nesse

contexto, Daniel (2011) observa que mesmo que as mulheres estejam sempre presentes no mercado de trabalho, ocupam nichos bem específicos como o setor de serviços e estão sub-representadas na indústria e em cargos e postos de alta chefia.

Para Ávila e Ferreira (2014) a divisão sexual do trabalho dá significado às práticas de trabalho. Assim, no campo produtivo, há uma concepção sobre o que é o trabalho de homens e o trabalho de mulheres e há uma divisão de tarefas correspondente. Essa divisão incide também sobre o valor do trabalho dos homens e das mulheres, expresso no valor diferenciado e desigual de salários. Garcia e Silva (2011) defendem que mesmo que nas últimas décadas as mulheres tenham conquistado um lugar no mercado de trabalho e a situação que vivenciam hoje seja bem diferente de anos anteriores ainda persistem em nossa sociedade preconceitos e estereótipos sobre a capacidade feminina de realizar tarefas outrora restritas ao mundo masculino.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Louro (2007) as identidades de gênero dizem respeito às distintas formas com que os sujeitos podem se identificar, social e historicamente, como masculinos e femininos. Desde muito cedo vamos sendo ensinados a sermos meninos e meninas e com isso vamos aprendendo como devemos nos comportar, vestir, brincar, agir, sentir e nos manifestar dentro dessas duas possibilidades. A separação de atividades, brincadeiras, comportamentos e profissões nos mostra como esses estudantes pensam e organizam o mundo a sua volta, o que podem ou não desempenhar em suas relações sociais. Ao se manifestarem dessa forma estão não apenas mostrando, mas, sustentando as práticas nas quais foram educados. No entanto, é importante destacar que não estamos aqui para julgar ou condenar essa forma de olhar o mundo.

Larrosa (2010) nos fala que o que determina nosso olhar tem uma origem e depende de certas condições históricas e práticas de possibilidade. Quando demarcamos lugares específicos para os sujeitos estamos apenas manifestando a forma como aprendemos a vê-los ou localizá-los ao longo de nossas vidas e com isso criamos estereótipos que nada mais são que “os lugares comuns do discurso” aquilo que todo mundo sabe e aquilo que todo mundo diz.

Quando nos propusemos a investigar a representação elaborada por alunos do Ensino Fundamental sobre o gênero como determinante de algumas situações cotidianas, nossa intenção foi justamente a de problematizar esse olhar que lançamos sobre o mundo e que destina pessoas a ocuparem lugares específicos. No entanto, quando observamos que nossos estudantes sinalizam que muitas atividades tradicionalmente assentadas como masculinas ou femininas podem ser exercidas pelos dois gêneros sem distinção, isso parece sinalizar que a resposta “não” é possível. O que nos sinaliza que, mesmo que timidamente, a desconstrução dessa diferença parece avançar alguns passos.

5 REFERÊNCIAS

ÁVILA, Maria Betânia; FERREIRA, Verônica. Trabalho produtivo e reprodutivo no cotidiano das mulheres brasileiras. In: ÁVILA, Maria Betânia; FERREIRA, Verônica (orgs.). **Trabalho remunerado e trabalho doméstico no cotidiano das mulheres**. SOS Corpo: Instituto Feminista para a Democracia; Instituto Patrícia Galvão – Recife, SOS Corpo, 2014.

BÍSCARO, Claudia Regina Renda. A construção das identidades de gênero na educação infantil. **Dissertação** (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Mestrado em Educação. Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande – MS. 2009

COLLING, Ana Maria. Inquietações sobre educação e gênero. **Revista Trilhas da História**. Três Lagoas, v.4, n°8 jan-jun, 2015.

DANIEL, Camila. **O trabalho e a questão de gênero: a participação de mulheres na dinâmica do trabalho**. O Social em Questão - Ano XIV - n° 25/26 – 2011.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Comunicação e Gênero: a aventura da pesquisa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.173 p.

FAY, Claudia Musa; OLIVEIRA Geneci Guimarães. Pilotos e comissários: profissão de homem e profissão de mulher? **Anais do VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero**. 2010.

FELIPE, Jane. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, Gênero e sexualidade**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FIGLIUZZI, Adriza. Carro- Isso é coisa de menino!; Anais **Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008.

FORMIGA, Nilton Soares. Diferença de gênero nos antecedentes das emoções de raiva, alegria e tristeza. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**. ano IV, número, 06, maio de 2006.

GARCIA, Cláudia; SILVA, Rosimeri Aquino. A escola e as relações de gênero e de sexualidade da atualidade. In: SILVA, Fabiane Ferreira. MELLO, Elena Maria Billig. **Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação [recurso eletrônico]**. Uruguaiana, RS: UNIPAMPA, 2011.

GIONGO, Marina Grandi. Socialização de Gênero e Educação Infantil Estudo de caso sobre a construção e reprodução dos papéis de Gênero em

uma Escola no Rio Grande do Sul. **Dissertação** (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

JUNGES, Rafaela; SCHWERTNER, Suzana Feldens. Meninos que brincam com bonecas viram meninas? Diferenças de gênero nas brincadeiras de crianças de 4 a 5 anos. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 35, n. 1, jan./mar. 2017.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.) **O Sujeito da Educação**. 7ª edição. Petrópolis: Vozes, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre; Org. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2013.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo. Contexto, 2008.

SABAT, Ruth. Gênero e sexualidade para consumo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, Gênero e sexualidade**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SILVA, Fabiane Ferreira. Lições de sexualidade na escola. In: SILVA, Fabiane Ferreira; MELLO, Elena Maria Billig (orgs.). **Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação** [recurso eletrônico] – Uruguaiana, RS: UNIPAMPA, 2011.

WHITAKER, Dulce. **Mulher & Homem**: O mito da desigualdade. São Paulo, 1988.